

Carlos Coutinho

O DEPOIMENTO DA FAMÍLIA MARTINS

SEGUIDO DE

HOMEM CERTO EM CASA CERTA



TEATRO



fonte da palavra

OFERTA

821.134.3 COU,C

Carlos Coutinho

O DEPOIMENTO
DA FAMÍLIA MARTINS

Seguido de

HOMEM CERTO EM CASA CERTA

TEATRO



fonte da palavra
editora



FICHA TÉCNICA:

Titulo original: *O Depoimento da Família Martins*
Homem Certo em Casa Certa

©Autor: *Carlos Coutinho*

1ª edição:

Depósito legal n.º 324494/11

ISBN: 978-989-667-050-4

Capa: *Editora Fonte da Palavra*

Composição e paginação: *J. L. Vieira*

Impressão e acabamento: *Gényo Kriativo - Artes Gráficas, Lda.*

©*Fonte da Palavra, Lda.*

Quinta da Graça, s/n

Rua Pardal Monteiro (Bela Vista)

1950-219 Lisboa

Telef.: 218 394 434 - Fax: 218 394 436

<http://www.fonedapalavra.com>

e-mail: fontedepalavra@gmail.com

TODOS OS DIREITOS RESRVADOS

Sem autorização expressa do editor, não é permitida a reprodução parcial ou total desta obra, desde que tal reprodução não decorra das finalidades específicas da divulgação e da crítica.

HOMEM CERTO EM CASA CERTA

Personagens

Manuela

Bento

Zé

Estamos numa casa pobre, soturna, de um bairro antigo de Lisboa, em finais de 1972. A história acontece naquele compartimento, o maior da habitação, a que normalmente se chama "a sala". É onde se conversa, onde se costura e onde se come, quando a cozinha é pequena de mais.

A sala quase sempre comunica com a escada para a rua, com a casa de banho, com os quartos e com a cozinha. É raro não haver um quadro com a "Última Ceia", bem como outros com retratos de família e do grupo de futebol favorito. Não faltará igualmente um calendário comercial com paisagem ou a reprodução de uma pintura célebre. Neste caso, além da mesa e da máquina de costura, há também um sofá-cama.

Manuela, uma mulher já murcha, embora só tenha quarenta anos, levanta, sacode, dobra e alisa, com desagrado nítido, lençóis, mantas e almofadas, arrumando tudo no interior do sofá-cama. Seguidamente vai para a mesa, onde está um grande alguidar de plástico com roupa lavada para pontear e engomar. Hesita. Acaba por sentar-se a pontear umas meias de homem. Zé chega da rua. É um jovem de vinte anos que teve uma paralisia infantil e se movimenta com ajuda de muletas. Ao ver o trabalho da madrastra, tira-lhe a meia com brusquidão mal contida. A linha desenfia-se e a agulha fica na mão de Manuela.

MANUELA – Podias picar-te. O que é que te deu?

ZÉ – Aquilo que eu posso fazer não gosto que mo façam. Já sabe disso. Dê-me a agulha. (*Manuela obedece. Zé senta-se no sofá-cama, volta a enfiar a agulha e prossegue o trabalho da madrastra.*) O que é que houve esta noite?

MANUELA (*vencendo com dificuldade a incomodidade da pergunta*) – Não houve nada.

ZÉ – Eu ouvi. E o hóspede também, porque me bateu na parede.

MANUELA – Já te disse que não aconteceu nada.

ZÉ – Não negue. O meu pai arreou-lhe outra vez?

MANUELA (*buscando outra agulha e começando a pontear outra camisa*) – Não.

ZÉ (*insidioso*) – A casa é pequena. Ouve-se tudo. Então, de noite,

até se ouve o ranger das camas, quando as pessoas se mexem... Se calhar, é também por isso que o meu pai não quer filhos da segunda mulher e já gostaria de me ver pelas costas há muitos anos. E a senhora também não pensa noutra coisa. Para a senhora, eu, além de não ser seu filho, ainda sou um torpeço que só lhe dá trabalho.

MANUELA (*como quem se sente apanhada*) – Eu nunca disse tal coisa.

ZÉ – Foram exactamente estas as palavras que a senhora usou há duas noites.

MANUELA – Não ouviste bem.

ZÉ – Sou capaz de repetir todas as palavras que a senhora empregou. E já não é a primeira vez que diz isso.

MANUELA – Santo Deus!

Silêncio pesado.

ZÉ – Fui agora responder a mais oito anúncios. Tenho esperança em dois.

MANUELA (*ostensivamente incrédula*) – Dizes sempre que tens esperança em dois.

ZÉ – Pois digo. Só para a ouvir... Qualquer dia acerto. O que para a senhora é um desejo, para mim é uma certeza.

MANUELA – Parece que te ofende esse desejo.

ZÉ – O que me ofende é a senhora passear-se aqui dentro como se andasse todos os dias a fazer caridade. Quando a senhora chegou, já eu cá estava.

Silêncio pesado.

MANUELA (*perturbada*) – Um homem viúvo tem todo o direito de se casar outra vez.

ZÉ – Mas não tem o direito de odiar o filho da primeira mulher.